



Pela Vida

Nesta edição, trabalhadores da saúde dedicados ao enfrentamento da pandemia de covid-19 falam de sua rotina em condições extremas e de seus sentimentos. Vistos como super-heróis, são pessoas como qualquer um de nós, reais, frágeis, que precisam trabalhar para pagar contas e alimentar suas famílias, das quais, muitas vezes, precisam se distanciar. Surpreendentemente, em tempos de culto à ignorância, há quem os hostilize nas ruas. Eles merecem toda a nossa admiração, porque, apesar das condições frequentemente inadequadas de trabalho, têm um compromisso enorme com o propósito de cuidar do outro.

O médico paulista Pedro (foto da capa) sensibilizou milhares de pessoas nas redes sociais: “me coloco sempre na posição dos pacientes ou dos familiares”. Diz-se chocado quando ouve autoridades defenderem o fim do isolamento: “depois de 12 horas de trabalho, com a cara marcada de estar com máscara o dia inteiro, isso dói”.

A agente de saúde Ana Iara comenta sobre a insegurança dos colegas sem equipamentos de proteção individual (EPI) no município do Rio de Janeiro e a contradição de, no momento “em que o ser humano carece de estreitamento nas relações”, o vírus impedir um contato mais próximo e acolhedor. “Me sinto angustiada pela situação do próximo, seja pela perda de um familiar, internação e até falta de alimentos e coisas elementares”, relata.

O enfermeiro Cleilton, de Mossoró (RN), se preocupa com as iniquidades sociais reforçadas pela pandemia e com a precarização do trabalho de maqueiros e do pessoal da limpeza. Rosângela, à frente da equipe de enfermagem no Centro Hospitalar da Fiocruz para os pacientes graves, teve vontade de permanecer no hospital e “ir para a casa somente quando tudo passasse”, mas aprendeu a “brindar” as vitórias de cada dia.

“Sozinho, o humano não dá conta dos encargos de uma pandemia como a de covid-19. É tempo de fortalecer as redes de afeto, solidariedade e proteção social, com apoio das políticas públicas” avalia a psicóloga Alessandra Xavier, da Universidade Estadual do Ceará, ao dizer que cuidar da saúde mental é uma prioridade e refletir que a pandemia traz um desafio emocional, ético e social.

No Brasil, com a redução de trabalho renda, quem mais sofre os impactos da pandemia são as mulheres. Mas elas são também “sinônimo de resiliência”, como mostra uma tocante reportagem sob recorte de gênero, que aborda a jornada das mulheres que cuidam sozinhas dos filhos e da família, o

aumento da violência doméstica e o papel das políticas públicas nesse cenário.

Noutra matéria, mostramos a dedicação dos profissionais da Atenção Básica e uma discussão sobre a essencialidade dessa dimensão do SUS nesta hora, embora a sua estrutura tenha sido fragilizada e recursos e força de trabalho reduzidos nos últimos anos. Para a Organização Pan-Americana da Saúde, o SUS e a busca por acesso equitativo a tratamentos e vacinas são estratégicos para o país.

A saúde coletiva é fortemente determinada por processos econômicos, sociais e ambientais. A maioria das ações que impactam o cotidiano e a saúde da população dependem do Estado e das políticas públicas. No cenário atual há uma convergência das crises sanitária, econômica, social e política e nenhuma dessas dimensões prescinde de um ambiente político democrático, com respeito aos direitos individuais e coletivos, em que a sociedade participe livremente do debate de ideias e da construção de alternativas à extrema desigualdade econômica e social, com violência e racismo, destruição ambiental e as ameaças à saúde que se aprofundam.

Diante dessa crise humanitária sem precedentes, entidades da saúde como o Conselho Nacional de Saúde, o Centro Brasileiro de Estudos da Saúde, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva, a Sociedade de Bioética e a Rede Unida, se uniram a tradicionais defensores da democracia como SBPC, ABI, CNBB e mais de 50 outras entidades da sociedade civil e sindicatos para conclamar uma Marcha Pela Vida, manifestação virtual em defesa da vida, da saúde e do SUS, da solidariedade, do meio ambiente, da democracia, da ciência e da educação.

Junho inicia com índices ascendentes de contaminação e morte por covid-19, numa situação especialmente dramática para as populações vulneráveis no país. Mortes violentas de gente preta e pobre mobilizam reações no Brasil e no Mundo, por exporem um sistema desigual, racista e desumano. Contra o descaso com a saúde e a proteção social da população e a escalada de ataques explícitos ao Estado de direito, novas frentes suprapartidárias, antifascismo e pela democracia vêm surgindo.

Em apoio à marcha virtual de 9 de junho, um dos próceres da ciência brasileira disse que “não é mais oposição entre barbárie e civilização, mas entre a vida e a morte”. Pulsão de morte move pensamentos, políticas e atos de violência. As pessoas que estão em destaque nesta edição da Radis, felizmente, lutam pela vida.



■ **ROGÉRIO LANNES ROCHA** EDITOR-CHEFE E COORDENADOR DO PROGRAMA RADIS

SUA OPINIÃO

Para assinar, sugerir pautas e enviar a sua opinião, acesse um dos canais abaixo

E-mail radis@ensp.fiocruz.br Tel. (21) 3882-9118 End. Av. Brasil, 4036, Sala 510 Manguinhos, Rio de Janeiro, RJ CEP 21040-361